



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

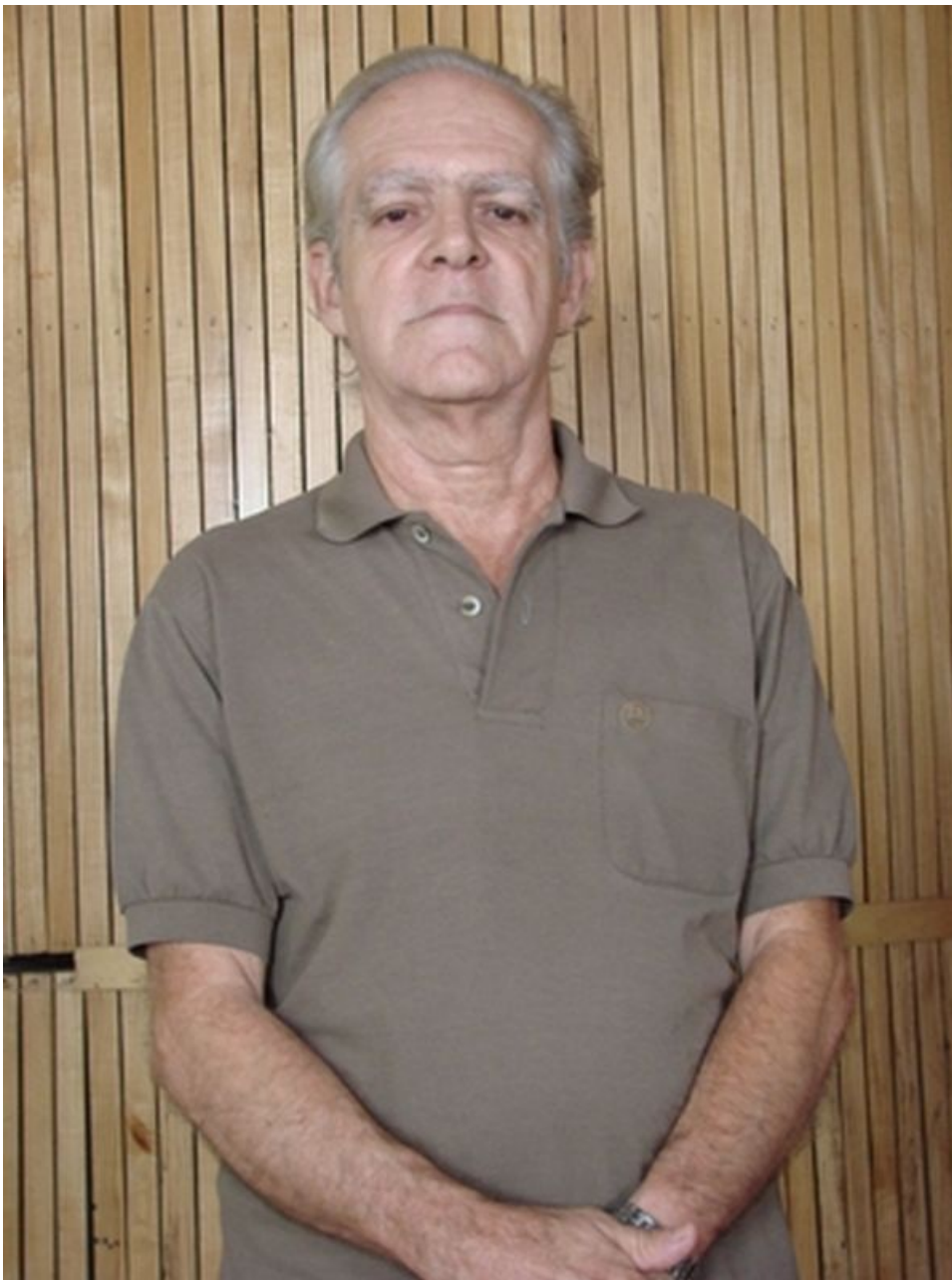
História

Entrevista de Cabine de Luiz Fernando Pita

História de: [Luiz Fernando Pita](#)

Autor: **Museu da Pessoa**

Publicado em: 27/09/2007



















História completa

Identificação Nome, data e local de nascimento Meu nome é Luis Fernando Pita, nasci em 30 de julho de 1945, no Rio de Janeiro. Família Nome e atividade dos pais Minha mãe é Cacilda Jesus Pita. O nome do meu pai não consta no registro. Meus pais adotivos são Lília Silva Campos e Josino Brito Campos. Seu Josino, ele morava em Três Pontas, era professor e técnico em eletrônica. Foi dono da Rádio Três Pontas, foi vereador de Minas, lá em Três Pontas mesmo. E a dona Lília era dona de casa, mas também foi professora de música. Ela mexia muito com negócio de música lá. Infância Três Pontas Eu fui criado em Três Pontas. Eu nasci aqui, mas pequenininho eu fui pra lá. Porque, na verdade, eles são meus pais adotivos, mas a Lílian é minha prima, na realidade. Mas como eu fui pra lá ao nascer, ela ficou como mãe. Como o Milton, desde pequeninhos criados juntos, lá em Três Pontas. Família Irmãos / brincadeiras de criança Somo quatro. Eu, o Milton, o Jaceline e a Beth. O cotidiano era maravilhoso, um momento muito bom, muito tranquilo. Milton é um pouco mais velho que eu, mas a gente brincava muito também. Ele tinha uma turminha, eu tinha outra, mas brincávamos também. Uma coisa que a gente fazia muito, que eu não me esqueço, nós tínhamos no nosso quarto um altar, fizemos um altar, porque lá em Três Pontas, todo menino gosta de igreja, todo mundo católico. Então, toda semana fazíamos a missa, uma semana ele era o padre e a outra eu era o coroinha, e a gente revezava. E a gente celebrava a missa mesmo lá. E a gente tinha essas brincadeiras, coisas saudáveis, tranquilas. Juventude Lugares freqüentados Passei a juventude em Três Pontas. Eu saí com 22 anos. Antigamente Três Pontas era muito pequenininha, não tinha quase nada. Ali era totalmente diferente de hoje. Era só cinema, que a gente ia todo dia pro cinema, era um filme por dia. Era a única diversão praticamente que tinha. E de final de semana tinha os bailinhos no clube, bailes que a gente ia, praticamente isso. Irmão Milton Nascimento No começo, ele formou um clubinho, um grupinho musical lá em Três Pontas, que ele fazia bailes nos arredores, e às vezes eu ia com ele. Boa Esperança, eu fui algumas vezes. Mas, depois ele foi pra Belo Horizonte, daí separamos. Mas tinha o Wagner Tiso, que era nosso amigo, Wagner inclusive estudou comigo. Tinha o irmão dele que era o Gileno, que eu me lembre, assim, daquela época, só eles. Depois eu vim pro Rio, e aí nós afastamos, foi a época que começamos ficar um pouco afastado. Mantemos contatos, uma vez ou outra, mas aí já viu, cada um com a sua vida, cada um para um lado, a dele, também, muito agitada. Ficamos um pouquinho diferentes, longe um do outro. Mas sempre nos comunicamos por telefone, sempre sabia qualquer problema que tinha. E nunca deixamos de ser, de manter contato, não. Atividade Profissional Banca de jornal Eu nunca fui de tocar nada, nem canto, nem nada. Eu não canto nem em banheiro. (risos) Pessoal reclama que nunca me ouviram cantar, e não canto mesmo. Música eu gosto de ouvir, as músicas dele eu ouço, mas não sou nada de música não. Atualmente eu tenho uma banca de jornal só, sou jornalista. Trabalhei 27 anos na Souza Cruz, depois a firma aqui fechou e eu tive que sair. Aí tive outras coisas. Trabalhei de gerente de posto de gasolina, loja de conveniência, algum tempo. Depois saí e resolvi comprar a banca de jornal, na Tijuca mesmo, onde eu moro e estou ali. Eu vim pro Rio em 1965, com 22 anos, vim pra trabalhar. Porque Três Pontas não tinha emprego. Agora está bem melhor, mas antigamente não tinha nada. Estudava e depois não tinha nada pra fazer. Emprego, não tinha nada. Então, eu vim pro Rio pra trabalhar. Vim sozinho. Festivais Festival Internacional da Canção Ah, o Festival Internacional da Canção, eu tive lá. Fui no festival aqui, eu e minhas esposas, tudo. Nessa época nós estivemos muito, muitas vezes juntos. Estive lá no Maracanãzinho, depois nós fomos comemorar. E eu participando, aí eu participei de tudo isso. Foi uma beleza, uma coisa do outro mundo, a emoção é muito grande. A gente ouvindo o comentário das pessoas. E mesmo quando eu vou no show dele, eu fui num show ali no Flamengo, no Museu de Arte Moderna, muito bonito. Aí depois fui no show no Sambódromo. Ali aconteceu um fato muito interessante. Porque toda vez que eu vou no show, tipo no Canecão, depois eu encontro com ele. Vou no camarim, conversar, ele me chama. No Sambódromo teve um show. Eu fui, fomos. Quando terminou o show, eu fui ao camarim, mas estava um tumulto danado pra entrar. Aí um segurança me viu e falou, me chamou: "Vem cá, que você é o irmão do...". Aí, falou pro outro: "Esse é o irmão do Milton Nascimento". Tinha um pessoal do lado, umas escurinhas, querendo entrar, falaram: "Olha

só irmão do Milton Nascimento... Olha a cor..." Foi um lance muito esquisito. Esquisito não, muito engraçado, nós morremos de rir. Quer dizer, elas pensando que pra eu entrar eu tinha dado essa desculpa. Então acontece essas coisas interessantes. Em Vitória, eu estive num show, no estádio do Vitória, quando ele foi lá, que por coincidência, até na casa onde eu estava era perto do hotel onde ele estava, mas eu não sabia que ele estava lá. Fui saber por acaso. Fui no hotel, encontrei com ele. "Bom, à noite eu vou no show." Eu não consegui entrar no show, no ginásio. Eu, minha esposa, e aí nos encontramos. Nessa parte de gravação de disco eu não acompanho muito não. É porque eu tenho a minha vida. A coisa dele aí, é tudo muito complicado, é muito diferente. Eu fui trabalhando, tendo filho, a esposa, aí é difícil. Família Filhos, netos Tenho um casal, Luciana e Marcelo, 36 e 37 anos. E tenho duas netas maravilhosas, a Letícia de quatro anos, e a Eduarda, de três. São os meus xodós. (risos) O meu filho, inclusive, é afilhado do Milton, o Marcelo. Mas não deu pra música não. Meu filho trabalha em escritório de computador, essas coisas, e minha filha trabalha no Palácio da Guanabara, lá dentro do Palácio. Temos em casa todos os discos, tudo dele, CD... Mas aptidão pra música, nós não pegamos. (risos) Cidade Três Pontas Não, eu tenho lembrança de encontrar com a turma de Belo Horizonte e tal, mas quando eu vou a Três Pontas, eu vou muito pouco e rápido. Algumas vezes com ele lá, outras não. Então, dificilmente a gente tem muito contato. Eu conheço ele, mas não tenho tanto contato assim de coisas terem acontecido não. O Fernando Brant eu encontrei várias vezes, tanto em Três Pontas, como aqui no Rio. Mas só que, assim, encontro rápido, aquelas: "Como vai?", tal. Mas nada de específico não. Clube da Esquina Discos Eu tenho lá em casa um disco muito antigo do Clube da Esquina, foi um dos primeiros, sei lá, o primeiro. Tenho guardado lá em casa. Irmão Milton Nascimento Ele desde pequenininho já é predestinado à música, porque você sabe que ele tinha uma sanfoninha, você já deve saber dessa história. Desde pequenininho que, em casa, que ele estudava muito. Sempre foi muito estudioso, no ginásio, tudo era sempre nota máxima. Era um dos melhores alunos do ginásio. Mas o negócio dele era música. Então, andava pela rua, com os coleguinhas, tocando violão, tinha gaita, e tinha a Dona Lilian, que era a professora de música, que em casa ficava cantando, tocando. E ele ganhou da mãe Dona Lilian, da Dona Augusta, uma sanfoninha. E a sanfoninha ele começou a tocar tudo que ele queria. Dali partiu para tocar uma porção de instrumento, a gaita. O negócio dele era música mesmo. Aí quando ele saiu de Três Pontas, pra ir para Belo Horizonte trabalhar, ele começou a trabalhar em escritório de contabilidade, uma coisa assim. Mas o negócio dele era música, então não adiantava ele pegar outro ramo, outra coisa que o negócio... Então não deu certo, aí que ele começou a encaixar com esse negócio de música. Desde pequenininho que ele gostava era da gaita, da sanfona, qualquer coisa que fizesse som. (risos) E a família sempre incentivou, sempre apoiou ele. Ele sempre foi muito querido por todos. Não só pela família, mas por todos lá de Três Pontas, o pessoal gostava muito dele. E aí ele foi desenvolvendo, assim, e está assim até hoje. É uma sensação muito boa, muito gostosa, de ver uma pessoa como ele, de onde ele veio, começar a alcançar, alcançar, alcançar esse sucesso, essa fama toda aí. Você fica torcendo pra que tudo desse certo. Porque essas coisas, às vezes acontecem coisas ruins também. E a gente ficava torcendo pra que o troço desse certo, porque ele sempre mereceu. É muito bom, muito gostoso. Pessoas que a gente conhece, pessoas que gostam muito dele sabe quem sou eu, pede pra ajudar... um jeito de encontrar com ele, mas isso é mais complicado. Autógrafo, às vezes arrumo um CD pra autografar, eu levo pra ele. Tem pessoas que sempre me procuram pra saber dele. Mas eu falo: "Opa Meu contato com ele, a vida dele é muito diferente da minha, muito complicada, ele viaja muito, tem o trabalho dele, e eu tenho o meu", a coisa é muito oposta do outro. Mas tem um tanto que sabe que eu, nem pra todo mundo eu falo, só pro pessoal mais chegado a gente fica sabendo, acho que não é importante ficar falando pra um, pra outro, comento muito não. Clube da Esquina Museu Uma boa, uma boa idéia, uma ótima idéia. Espero que realmente seja um sucesso esse museu, e pra quem inventou isso, pra quem teve essa idéia, está de parabéns. Músicas Coração de Estudante Eu gosto muito de "Coração de Estudante", porque a letra é muito bonita. Travessia também na época, é bonita, mas veio outras após ela que superou devido ao tempo, mas tem muitas músicas bonitas dele. Nós estudamos junto no mesmo ginásio, íamos pro colégio juntos, voltávamos juntos, sempre fomos muito amigo um do outro, entendeu? É isso, não tenho nada, assim, que possa especificar não.